

BURGOS, Pedro. **Conecte-se ao que importa: um manual para a vida digital saudável.** São Paulo: LeYa, 2014.

LACHOWSKI, Gibran Luis<sup>1</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat – Alto Araguaia, MT

Em um momento em que as tecnologias conectadas à *internet* ganham ares de uma quase-onipresença, ainda que em grande parte esta percepção esteja associada a um discurso neodarwinista de aparência palatável, faz-se necessário recorrer ao artesanal e milenar ato de refletir sobre a própria vida. É basicamente isso que o jornalista Pedro Burgos, de 33 anos, assinala no livro “Conecte-se ao que importa: um manual para a vida digital saudável” (223 páginas), especificamente no que tange à relação com as chamadas novas tecnologias, que envolvem *smartphones*, *tablets*, aplicativos e redes virtuais sociais, como GPS *on-line*, jogos eletrônicos, *whatsapp*, *facebook* e *twitter*.

Trata-se de uma elaboração intelectual bem menos utilitarista, apesar de o título da obra sugerir um conjunto de dicas capazes de aliviar o estresse causado em razão da pressão social crescente por estar cada dia mais conectado ao universo virtual – caracterizado pela ubiquidade, horizontalidade, multimídia e abertura para maior participação do usuário (LÉVY, 1999; HENRY, 2008). Divide-se em seis capítulos – relativos a hábitos tecnológicos viciantes, à apatia interpessoal, ao excesso de informações, à gratuidade dos conteúdos na *internet* e à perda de referência quanto ao que é a realidade –, todos estruturados em considerável arcabouço conceitual, menção de notícias, experiências próprias e exemplos pertinentes ao assunto.

O tom narrativo do livro se situa entre a exigência do artigo científico, a descontração da crônica e a fluência do texto jornalístico. Permeia-se de uma ironia corrosiva que se alimenta das vivências do próprio autor, que se apresenta desde o sumário: “Capítulo 1 – Meu nome é Pedro e faz 3 minutos que não olho para o celular: O primeiro trago; Não é vício, mas é viciante; iDoentes; O que a tecnologia faz para

---

<sup>1</sup> Professor efetivo do curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus de Alto Araguaia e integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, Cultura e Sociedade”, linha “Jornalismo, Sociedade e Política”, da mesma instituição. E-mail: prof.gibranluis@gmail.com. Graduado em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) e mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)\campus de Cuiabá.

você?; Recuperando o controle; Próxima fase; Só mais uma vida; O problema do fumante passivo” (BURGOS, 2014, p. 5).

Em determinados momentos, o cenário exposto por Burgos traz contornos dramáticos, em decorrência dos males causados pela hiperconexão, que podem ser enxergados como exagerados, apocalípticos:

Parece que, por ora, não ficaremos confortáveis se alguém mexer na nossa capacidade de estarmos conectados o tempo todo a tudo o que quisermos, acariciando nossos brinquedos tecnológicos. Mas também é ilusão pensar que essa liberdade irrestrita vá durar para sempre: quando os efeitos do abuso das telas onipresentes ficarem mais claros para a sociedade, um futuro com regulações mais severas se tornará tão factível quando o atual “vale-tudo”. (BURGOS, 2014, p. 29)

No entanto, o autor, quando faz acentuações mais graves, calca-se não em uma retórica panfletária, mas, sim, vale-se de uma coleção de informações atualizadas e referenciadas em 221 notas bibliográficas. Entre elas a de que: a Coreia do Sul, país mais conectado do mundo, possui mais de uma centena de clínicas de desintoxicação para dependentes de *internet* subsidiadas pelo governo (p. 30); 20% dos jovens adultos estadunidenses utilizam *smartphones* durante a relação sexual (p. 37); 83% dos brasileiros ficam com o humor alterado se esquecem o aparelho celular em casa (p. 43).

O livro ganha em palpabilidade nos trechos em que o autor expõe o ambiente em que vive e situações pelas quais passa, geralmente, nestes momentos, escrevendo em primeira pessoa, como no seguinte, relativo ao início do processo de autorreflexão sobre o nível de dependência da *internet* a que estava submetido:

No meu pequeno universo, então, os problemas da conexão obsessiva eram aparentes a cada minuto. Trabalhei durante os últimos quatro anos em uma editora digital, com vários *sites* de notícia funcionando 24 horas por dia. Todos no escritório passam o dia inteiro em frente ao computador; meus amigos têm entre 25 e 35 anos, com uma renda acima da média, todos com *smartphones* e *tablets* conectados 24 horas por dia. Com este cenário, era claro para mim que a questão do “vício” era urgente e alarmante, e já estranhava não haver 85 livros por mês sobre o assunto. (BURGOS, 2014, p. 38)

Influenciado pelas afetações tecnológicas pelas quais passa o jornalismo, o autor dedica um capítulo praticamente inteiro ao imenso volume de notícias que circulam na

*web*, a saber, o de número 4, intitulado “Excesso de informações”, no qual faz ponderações ousadas – como esta: “Ser inteligente, hoje, é saber ser seletivamente ignorante” (p. 137) – e cunha um termo significativo (“infobesidade”). Essa expressão dialoga com o que físico Alfons Cornellá<sup>2</sup> chama de “infoxicação”, que ressalta a relação entre informação e intoxicação, mostrando a dificuldade em deglutir o excessivo volume de dados, um mal da era digital.

Ao indagar “Quem precisa de tanta notícia?” (p. 135) e ao afirmar que “Nossa sociedade endeusou o excesso de informação” (p. 136), e isto desde muito antes do advento e popularização da *internet*, Burgos qualifica o consumo compulsivo por informações como estímulo ao sedentarismo e à ilusão de estar bem informado, vez que proliferam as notícias tipo *drops*, superficiais, descontextualizadas e que pouco acrescentam ao bojo social, tal qual já ressaltava Moretzsohn (2002).

As observações de Burgos também remetem a um profissional que se desenvolve na contemporaneidade, qual seja, o jornalista que atua em veículos digitais, sobremaneira em portais, *sites*, *blogs*, redes virtuais sociais pautado cada vez mais na concepção, captação, redação e composição unicamente na redação, via *web*, que dez anos atrás já era percebido por Pereira (2004) e chamado de “jornalista sentado”.

Tal discussão refere-se ao estatuto do jornalista/dos veículos jornalísticos, até anos atrás tidos como responsáveis reconhecidos pela orientação do fluxo informativo. Hoje em dia, por conta da natureza da rede virtual, se por um lado o interlocutor tem mais possibilidades de interagir no processo de construção da notícia, por outro este poder e esta liberdade servem para embaralhar o que seja o próprio jornalismo. Nesse sentido, o enorme volume de dados que passa pelo fluxo internético contribui para a banalização do ato de noticiar, generalizando os critérios de noticiabilidade e o que seja interesse público, incorrendo no que Keen (2009) denomina de “culto do amador”.

Como se vê, “Conecte-se ao que importa” pode corresponder a uma leitura salutar se nos despiremos de visões por demais entusiásticas ou fatalistas, contudo exige algumas aceitações iniciais. Entre elas estão: a de que prepondera na sociedade um discurso quase impositivo que pressiona as pessoas a terem e estarem conectadas às chamadas novas tecnologias; a de que o nível de acesso à *internet*, para milhões de

<sup>2</sup> Site pessoal do autor, disponível em: < <http://alfonscornella.com/>>. Acessado em 14.3.2014.

indivíduos, está em patamares exagerados; a de que existe um fluxo excessivo de informações na rede e a de que isto tem estimulado um consumo de mesma ordem, causando prejuízos sociais.

### REFERÊNCIAS

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KEEN, Andrew. (2009). **O culto do amador**. Rio: Jorge Zahar.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

PEREIRA, Fábio Henrique. O 'Jornalista Sentado' e a produção da notícia on-line no CorreioWeb. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan./jun. 2004.

R